

www.stellamariz.com
atelier@stellamariz.com

À Margem do Tempo

Stella Mariz

Museu de Arte Contemporânea de Campinas "José Pancetti"

Av. Avenida Benjamin Constant, nº 1.633 - Centro - CEP: 13010-142
Tels.: (19) 2116-0346 e (19) 3236-4716
email - cultura.macc@campinas.sp.gov.br

Horário de Funcionamento
de Segunda à Sábado das 10h às 18h - Domingos e feriados das 9h às 12h

Curador e diretor do museu - Fernando de Bittencourt

MACC


PREFEITURA DE CAMPINAS
A FORÇA DA INOVAÇÃO



A presente exposição é fruto de um período em que me aprofundi no estudo da história da pintura de paisagens e a história da manufatura das tapeçarias Gobelins e Beauvais. São leituras que transitam entre a escultura e a pintura.

Cada trabalho é uma conversa entre tempos e espaços. Uma conversa plena de significados e emoções, em que rompo a imobilidade e o silêncio da pedra. Desta ruptura nascem os rios vermelhos que escoam das ruínas.

As ruínas, nestas composições, são como estados de impermanência, que se contrapõem às paisagens urbanas contemporâneas, não possuindo um tempo definido. Situa-se num vazio temporal, porque me interessa pensar o presente e o passado não como situações óditas, mas como esboços. Refletir a memória é pensar o presente. É avaliar a nossa transitoriedade e a nossa instabilidade do momento presente.

Estes trabalhos nasceram em uma viagem à Portugal em que fotografei exaustivamente as ruínas do Castelo de Marvão. Com as fotos em mãos, me propus a relacioná-las ao momento presente. Passei então a fotografar paisagens urbanas, principalmente no Rio de Janeiro, por suas florestas e vegetações. A partir destas fotografias, criei composições como espaços, em que relaciono ruínas e paisagens, ao verde da nossa vegetação tropical.

Ao imprimir estas composições, percebi que a bi-dimensionalidade não me era o suficiente. Faltava o manuseio do trabalho e o volume. Então eu, como escultora que sou a vida inteira, concebi uma técnica em que transformo a bi-dimensionalidade da fotografia em tridimensional.

Esta transformação é feita através da manufatura, totalmente feita por mim. Eu imprimo a composição fotográfica, plano a plano em tecido, e o volume é obtido a partir da costura com agulha ou à máquina, utilizando manta acrílica, e quando quero projetar mais ainda o volume no espaço, com tela de aço. A composição é remontada e fixada com costura no chassi. A tela entra para dar maior profundidade e dramaticidade, aos volumes já existentes.

São trabalhos que são feitos para que o espectador esteja presente. Quando fotografados voltam a bi-dimensionalidade, e quem os observa impressos irá pensar que se trata de pintura.

A partir deste ano passei a compor de maneira a soltar cada plano. Da sustentação do chassi, passei para caixas em que os planos são colocados separadamente. A partir destas caixas fui para o espaço dando lugar à pequenas instalações que ficam suspensas por fios. E destas passei para a instalação inédita que está sendo mostrada nesta exposição.

Stella Mariz



Instabilidade - 2018

Técnica mista - impressão fotográfica em tecido, tela acrílica, manta acrílica, tela de aço, tela de aço em caixa de madeira



Convento São Bento de São Paulo - 2014
Técnica mista - impressão fotográfica em tecido, tinta acrílica, tinta aquarela,
sem-fil algodão, tela de algodão, costurados em tela sobre chapa.

À Margem do Tempo

Estamos diante de uma instigante série de paisagens criadas através do olhar e das mãos experientes da artista Stella Maris. As paisagens enigmáticas, ao mesmo tempo dramáticas, entrelaçam o passado, o presente e os sentimentos profundos da artista, incorporando a ideia de simultaneidade de lugares e de múltiplos tempos.

A série nasce em 2014, em viagem à Portugal, terra natal da artista, em que registra exaustivamente ruínas ao longo de um percurso previamente estabelecido. Essa atitude nos faz lembrar as viagens realizadas no século XVIII, conhecidas como "Grand Tour", na qual estudantes da nobreza italiana terminavam sua formação estudando e desenhando ruínas. Com as ruínas portuguesas fotografadas, a artista retorna ao Brasil e põe-se a fotografar não somente a floresta tropical brasileira, como também extensas vistas, em sua maioria itorlineas, que deixam transparecer o contexto natural e urbano em que se inserem.

Com as imagens em mãos, tem início a criação, na qual a artista borda o tempo e o espaço, por meio da superposição e do entrelaçamento das diversas imagens impressas em tecido sintético, recortadas e costuradas, uma a uma, utilizando muita aquarela e tela de aço para dar volume às paisagens, quase cinográficas. As composições são sobrepostas em telas que são então pintadas, dando vida às fotopinturas. Neste procedimento, as imagens das ruínas portuguesas, tiradas de seu contexto, integram parte da floresta tropical do Rio de Janeiro, ganham volume e destaque e convivem com imagens da paisagem atual da cidade, amarradas sempre no plano de fundo.

A artista, de forma consciente e hábil, parte da sensação visual rumo ao sentimento; utiliza-se da fotografia na captação da realidade, deixando transparecer seus procedimentos estéticos, elegendo os enquadramentos, os enfoques, a composição e a luz das paisagens. Nos ramênjos formais e intuitivos, alinha, simultaneamente, distintos lugares, tempos e afetos.

Suas paisagens são capazes de gerar fortes sensações, talvez estranheza, ou um estado de silêncio e solidão, como na categoria de apreciação estética do sublime, tão comum nas pinturas de paisagem do final do século XVIII, início do XIX. Suas paisagens tampouco são pitorescas. Estão impregnadas de um viés irreal ou imaginário, no entrelaçamento de tempos e espaços; nos tecidos vermelhos retorcidos que esconhem das ruínas banhando as paisagens de metáforas do inconsciente; nos reflexos na água de arquiteturas não existentes; na luminosidade chapada das paisagens; e nas sombras que percorrem arquiteturas de forma independente dentro das composições.